

◆ Artigo Original

Microanálise e a análise de dados: Experiências de utilização na Investigação em Enfermagem

Microanalysis and data analysis: Experiences of use in Nursing Research

Microanálisis y análisis de datos: Experiencias de uso en la investigación en enfermeira

Dulce Cabral de Magalhães¹, Maria dos Anjos Galego Frade², Maria da Luz Barros³, Manuel José Lopes⁴

¹ Professora Coordenadora Universidade de Évora - Portugal, ^{2,3} Professora Adjunta Universidade de Évora – Portugal, ⁴ Ministério da Saúde. Lisboa Portugal

Corresponding Author: mdc@uevora.pt

Resumo

Objetivo: descrever a experiência da utilização da Microanálise como um instrumento de análise, na Investigação em Enfermagem.

Método: Estudo teórico-reflexivo, baseado em trabalhos científicos e a descrição da experiência dos investigadores na sua utilização.

Resultados: A microanálise revelou-se um instrumento estratégico que contribuiu para a descoberta do significado dos dados no processo de codificação no método Grounded Theory.

Conclusões: Em Investigação podemos considerar a Microanálise um instrumento de análise de dados viável e exequível contribuindo para a produção de conhecimento em Enfermagem.

Palavras-chave: Grounded Theory; Metodologia Qualitativa; Microanálise; Enfermagem

Abstract

Objective: To describe the experience of using Microanalysis as an analytical tool in Nursing Research.

Method: Theoretical-reflexive study, based on scientific works and description of the researchers' experience in their use.

Results: Microanalysis proved to be a strategic tool that contributed to discover the meaning of the data in the coding process in the Grounded Theory method.

Conclusions: In Research we can consider Microanalysis a viable and feasible data analysis tool contributing to the production of knowledge in Nursing.

Keywords: Grounded Theory; Qualitative Methodology; Microanalysis; Nursing

Resumen

Objetivo: describir la experiencia de la utilización del Microanálisis como un instrumento de análisis, en la Investigación en Enfermería.

Método: Estudio teórico-reflexivo, basado en trabajos científicos y la descripción de la experiencia de los investigadores en su utilización.

Resultados: El microanálisis se ha revelado un instrumento estratégico que ha contribuido al descubrimiento del significado de los datos en el proceso de codificación en el método Grounded Theory.

Conclusiones: En Investigación podemos considerar la Microanálisis un instrumento de análisis de datos viable y realizable contribuyendo a la producción de conocimiento en Enfermería.

Palabras clave: Grounded Theory; Metodología Cualitativa; microanálisis; enfermería

Introdução

Durante muito tempo, a oposição entre objetivismo e subjetivismo esteve marcada pelos títulos “*pesquisa quantitativa*” versus “*pesquisa qualitativa*”, atribuindo-se à primeira um maior grau de representatividade, confiabilidade e relevância. A pesquisa quantitativa – também conhecida como survey research - tornou-se, sobretudo a partir das décadas de 1950 e 1960, o padrão de investigação dominante. Não obstante, no final da década de 1960 e início de 1970 a dominância desse formalismo metodológico empirista passou a ser contestado, sobretudo pelas ciências humanas (Martins, 2004). Tais questionamentos contribuíram para o regresso das metodologias qualitativas, que atualmente, já não são vistas em contraposição aos métodos quantitativos, mas como abordagens diferentes e necessárias no campo da pesquisa social empírica (Flick, 2004).

Uma característica importante do método indutivo, utilizado na pesquisa qualitativa, consiste na heterodoxia no momento da análise dos dados. A variedade de material obtido qualitativamente exige do investigador uma capacidade integrativa e analítica que, por sua vez, depende do desenvolvimento de uma capacidade criadora e intuitiva.

A maior dificuldade da disciplina de métodos e técnicas de pesquisa está na dificuldade de ensinar como se analisam os dados — isto é, como se lhes atribui significados. Referimo-nos à importância de uma intuição que consideramos fundamental, não como um dom, mas resultante da formação teórica e dos exercícios práticos do investigador.

Tem-se destacado a importância e a necessidade do uso de referenciais teóricos e metodológicos, para apoiar as pesquisas qualitativas na área da Enfermagem de forma a agregar cientificidade e qualidade aos estudos, aspetos estes que são debatidos e salientados desde o final do século passado (Benjumea, 2005).

O debate é sempre aliciante sobretudo na área da saúde, onde a diversidade metodológica associada a diferentes instrumentos de análise se tem revelado uma riqueza no desenvolvimento disciplinar; razão pela qual apresentamos a microanálise como um instrumento de análise de dados, que pode levar a uma compreensão mais profunda dos dados. Nesse sentido, o presente trabalho visa analisar a contribuição da microanálise, enquanto instrumento de análise de dados no desenvolvimento de aportes teórico-metodológicos na pesquisa de caráter indutivo, resultante de dados colhidos e já analisados, procedentes de investigação realizada no âmbito de três processos de doutoramento.

As ideias que apresentamos são um resultado, que é maior que a soma de uma apropriação das concepções dos autores, mais referenciados no método da grounded theory, Strauss & Corbin (2008) e Charmaz (2009), apesar de não defendermos a microanálise como uma técnica específica desse método.

GROUNDING THEORY E A ANÁLISE DE DADOS

Os métodos qualitativos na pesquisa de campo, foram popularizados a partir do interacionismo simbólico, que emergiu na Escola de Chicago nas primeiras décadas do século XX. Sob esta ideologia, o conhecimento só pode ser percebido pelo investigador a partir da observação direta e imediata das interações entre as pessoas, das suas ações práticas, e do sentido que elas atribuem aos objetos, às situações, e aos símbolos que os rodeiam. Com este enquadramento teórico Glaser (1930) da Universidade de Columbia, e Anselm Strauss (1916-1996) da Universidade de Chicago, apesar de não partilharem as mesmas visões do mundo, desenvolveram uma metodologia e um método a que chamaram Grounded Theory.

Os investigadores tinham como objetivo comum o desenvolvimento de um processo de análise que defendia a descoberta indutiva de teorias, a partir dos dados sistematicamente analisados, e com a finalidade de produzir compreensões abstratas e conceituais dos fenómenos estudados. A metodologia também surgiu como uma alternativa às metodologias tradicionais, que têm por base hipóteses e análises quantitativas de dados.

O estudo – *The Discovery of Grounded Theory: Strategies for qualitative Research* marcou a criação desta metodologia, e contestou o paradigma positivista da ciência na altura. Porém, num determinado momento estes dois autores separaram-se por divergências ideológicas. Enquanto Glaser tinha desenvolvido os seus estudos na escola que seguia a corrente positivista, com Paul Lazarsfeld (Universidade de Columbia), em que o investigador teria que analisar com rigor os dados e cumprir o método de uma forma sistemática, Strauss defendia uma corrente mais “relacional”; nesta corrente, mais importante do que uma estrutura de análise rigorosa, seria o processo de recolha de dados e a subjetividade de cada participante. Postura esta mais relacionada com o legado do Interacionismo Simbólico.

Glaser manteve a sua visão positivista e pragmática da técnica, Strauss associou-se a Juliet Corbin que publicaram outra versão da Grounded Theory na obra "*Basics of Qualitative Research: Techniques and procedures for developing Grounded Theory*" (Strauss e Corbin, 1990). Neste livro, os autores apresentam o método de análise e um conjunto de técnicas para desenvolver a sensibilidade teórica e a confirmação da teoria emergente. Este método procurou ser a resposta de Strauss e Corbin aos investigadores que solicitavam um "*manual*" para a aplicação e desenvolvimento da Grounded Theory.

A reação de Glaser foi a publicação do livro *Emergence vs. Forcing: Basics of Grounded Theory Analysis* (Glaser, 1992), no qual critica a proposta de Strauss e Corbin (1990). No ponto de vista de Glaser, esta formalização é restritiva, e prejudica a emergência dos conceitos. Glaser mantém uma visão "purista" do método da Grounded Theory, não permitindo qualquer intervenção do investigador. Considera que a observação não participante é a melhor técnica de recolha de dados, na medida em que o investigador apenas observa e não intervém; preconiza a entrada no campo da investigação, tanto quanto possível, sem conceitos teóricos predeterminados, fazendo tábua rasa do conhecimento existente. Logo, a teoria emerge diretamente dos dados, não comprometida pelo enviesamento dos investigadores (Charmaz, 2006; Mills et al, 2006).

Na discussão sobre o carácter construtivista do método, a partir dos anos 2000, uma autora ganha destaque: Kathy Charmaz que defende que a Grounded Theory "*alia duas tradições opostas e concorrentes*" (Charmaz, 2009). De um lado, o positivismo da Universidade de Columbia, representado por Glaser e sua formação quantitativa. Do outro, na pessoa de Strauss, que valorizou os significados subjetivos que emergem da ação humana, revelando a tradição filosófica pragmática. Essa abordagem sugere que o investigador focalize o seu olhar em "*o quê*" e "*como*", porque a pesquisa ocorre sempre em contextos diversos, que compreendem múltiplos aspetos sociais, históricos e políticos (Creswell, 2014).

Enquanto a preocupação de Glaser e Strauss foi defender que a teoria deve emergir dos dados, algo indispensável para o conhecimento aprofundado dos fenómenos sociais (Strauss A., Corbin J., 2008), significando isso adotar um processo estratégico para produzir e analisar informações, através da utilização de conceitos, Charmaz defende a Grounded Theory Construtivista e introduz uma nova perspetiva, em especial no que diz respeito aos procedimentos analíticos.

Partilhamos da ideia de que o método da Grounded Theory, independentemente das ortodoxias dos autores, conduz à descoberta de conceitos e proposições (entendidas estas como postulados que determinam relações entre conceitos) derivados de dados, que são sistematicamente reunidos e analisados. A recolha de dados é definida, pelo seu carácter de

recolha orientada, repetida e com a preocupação de obter dados fiáveis (De Ketele J. M, Roegiers X., 1999).

O método é caracterizado por um procedimento de análise e de síntese, nomeado como codificação aberta, codificação axial e codificação seletiva. Num primeiro tempo tem como foco segmentar o texto para descobrir categorias e codificá-las. A segunda codificação agrupa as categorias para formar conceitos com densidade relevante; e a terceira codificação é seletiva e discriminatória. Cada uma destas fases corresponde a uma procura de significado dos dados sob níveis diferentes de abstração (Lopes, 2006).

Neste método a comparação constante dos dados, associada a uma amostra teórica é reconhecida como procedimento analítico de eleição, embora não se reduza a eles (Strauss & Corbin, 2009). As comparações constantes integram cada uma das etapas da codificação e são parte de um conjunto de instrumentos analíticos que procuram aumentar a sensibilidade do investigador aos dados.

Para que os dados sejam fiáveis o primeiro instrumento que deve ser tido em consideração é o questionamento dos dados. Formular perguntas, não para gerar dados, mas para gerar ideias ou formas de olhar para os dados. Há diferentes tipos de perguntas que têm características mundanas. Uma podem ser de fácil resposta, outras exigem atividades mais complexas para poder responder. Há perguntas que são boas e outras que não o são e, não é fácil responder o que as distingue. As boas são, por princípio, inspiradas pelo conhecimento relevante no domínio da pesquisa, e pela sensibilidade do investigador para aquilo que os dados parecem revelar. A pergunta também pode ser bem formulada, mas mal respondida. Há perguntas que são adequadas ao primeiro tempo da análise, como por exemplo: quais são as propriedades desta dimensão? Outras que são adequadas ao segundo tempo da análise, como por exemplo: como é que se relacionam os dados que estão em análise?

Sobre elas há ainda a considerar a natureza das diferentes perguntas. Há aquelas que são substanciais, por exemplo: como começa o processo de cuidados numa unidade de internamento? há outras que são teóricas, por exemplo: quais são os princípios que apoiam as decisões clínicas? Quando assim é o investigador tem que ir olhar microscopicamente para os dados. É importante que, desde logo, o investigador vá à procura da resposta porque saber se a pergunta foi boa ou não depende da pesquisa em si e da experiência do investigador. As boas perguntas são aquelas que orientam para o desenvolvimento da teoria:

- 1). Guiar o pensamento do investigador para não se confinar à literatura técnica e à experiência profissional.
- 2). Evitar formas padronizadas de pensar sobre o fenómeno.
- 3). Estimular o processo indutivo.
- 4). Focar naquilo que são os dados, e não tomar nada por garantido.

- 5). Permitir clarificar e expor as assunções feitas pelos informantes
- 6). Ouvir o que as pessoas estão a dizer e a fazer.
- 7). Evitar precipitar-se quando examinar os dados.
- 8). Forçar as questões e respostas provisórias.
- 9). Permitir nomear de forma proveitosa os conceitos, apesar de provisórios.
- 10). Descobrir propriedades e dimensões das categorias ((Strauss A., Corbin J., 2008).

É a codificação que define o que são os dados. Nesta fase de definição daquilo que são os dados, o corpus deve ser submetido a outro instrumento analítico que oferece maior acuidade e que é chamado de microanálise. Como o nome sugere a análise é feita palavra a palavra, frase a frase ou parágrafo a parágrafo. Fazer análise de uma palavra implica procurar todos os possíveis significados da mesma no enquadramento do corpus em análise. Na primeira fase de codificação, mas não se limite a esta, é um instrumento que se revela muito importante para definir o que são os dados.

Definidos os dados, para Strauss e Corbin (2008) as comparações são essenciais para identificar e desenvolver os códigos e as categorias. As categorias são conceitos derivados dos dados, que representam os fenómenos. E os fenómenos são ideias analíticas importantes que emergem dos dados (Strauss e Corbin, 2008 p, 114).

O investigador à medida que analisa os dados elabora códigos qualitativos, quando percebe a ideia que os dados revelam. O objetivo das primeiras comparações é procurar similaridades e diferenças entre as propriedades de cada código e pode haver comparação incidente por incidente, ou objeto por objeto.

Os autores reconhecem dois tipos de comparações teóricas. Comparações com recurso a técnica de flip-flop e a comparação sistemática de dois ou mais fenómenos. A primeira explora os conceitos no sentido positivo e no sentido negativo para reconhecer a relevância do conceito no contexto em que ele se insere. A segunda tem como objetivo sensibilizar o investigador para as propriedades e as dimensões nos dados que podem ter sido negligenciados porque o investigador ainda não sabia o que procurava. Pode dizer-se que as comparações teóricas têm os mesmos fins que as comparações que são feitas no dia-a-dia de cada pessoa. Strauss e Corbin (2008) enfatizam que as respostas às perguntas e as comparações teóricas não podem ser usadas como dados. Elas são usadas como operações básicas para ajudar a interpretar os dados em análise.

Trata-se assim de um método que reúne um conjunto de atributos externos ao investigador e ao processo de pesquisa, que lhe conferem rigor e objetividade. A comparação constante permite validar a qualidade dos dados recolhidos e reduzir a subjetividade, embora não possam ser excluídos desvios interpretativos. Esta forma de comparar, constitui um instrumento analítico para preservar a fidedignidade dos dados à fonte. Condição de enorme

relevância porque nos critérios de verdade em que nos inscrevemos, o rigor combina com a intuição.

Um outro atributo do método da teoria fundamentada é a saturação teórica e/ou suficiência teórica que valida a qualidade e densidade dos conceitos, classificada por (Charmaz, 2009) como procedimento central no método. O investigador toma como amostra factos e incidentes e não pessoas em si mesmo (Strauss & Corbin, 2009). Os dados recolhidos de forma indutiva são cumulativos, em função do desenvolvimento da amostra que é desenvolvida durante o processo de análise.

Esta é uma forma de amostragem que permite ao investigador escolher o percurso da amostra, de forma a obter um maior suporte teórico. O objetivo é maximizar as oportunidades para comparar ações ou interações, para reconhecer o modo como cada categoria se diferencia, em função das suas propriedades e dimensões; mas também para enriquecer e controlar o processo de seleção de dados para gerar uma teoria.

Logo que o investigador tenha algumas categorias emergentes e repetidamente encontradas, a amostragem é focalizada no desenvolvimento, densificação e na saturação teórica dessas categorias (Charmaz K., 2009). O termo saturação é incongruente com um procedimento que "*interrompe bruscamente a codificação de todos os dados*" (Charmaz K., 2009 p.158) e por isso a autora aqui citada optou pelo termo suficiência teórica. Mas, até lá para que tal aconteça o investigador não deve deixar de estar aberto a todas as possibilidades, até que seja descoberto um conceito que tenha relevância teórica.

Este é um dos objetivos da amostragem teórica no método da teoria fundamentada e.g., a obtenção de dados para ajudar o investigador a explicar as suas categorias. Mas também é ela que orienta o investigador para a densificação dos conceitos já descobertos, e não para uma procura incessante de novos dados (Charmaz K., 2009). A amostragem teórica difere da amostragem inicial porque a teórica elege o campo de pesquisa, em função dos informantes que são facilitadores de matéria relevante para o processo de pesquisa.

O eixo é definido em função da relação entre as categorias e as suas subcategorias. Nesta fase do processo é ainda possível, se necessário, desenvolver melhor as categorias em termos das suas propriedades e dimensões e.g. densificá-las. A codificação seletiva num terceiro nível de abstração é uma característica definidora da última fase. E traduz-se num processo de integração e refinamento da teoria. Ela é feita à volta de uma categoria que tem poder explicativo de todas as outras (Lopes, 2003).

Microanálise: Experiências de utilização na Investigação em Enfermagem

O processo de formação de conceitos na Grounded Theory ou noutros processos de teorização indutiva é gerado a partir de uma codificação. A codificação não é uma ciência precisa; é antes de mais um ato interpretativo. Mas a excelência da pesquisa assenta em grande parte na excelência da codificação. É a codificação que começa a consubstanciar as ideias. Ela é determinante na formação dos códigos, das categorias, dos conceitos (Saldaña, 2009) e em consequência na construção de uma teoria que se estrutura a partir do método da Grounded Theory.

São as etapas iniciais (codificação aberta e axial) que orientam a direção analítica. Esta é uma condição que justifica fazer microanálise, associada à capacidade que este instrumento de análise de dados tem para fazer transparecer a realidade observada. Revela-se útil porque mostra, de forma transparente os dados, e fideliza a realidade observada. Através da análise da palavra a palavra, frase a frase ou parágrafo a parágrafo identificam-se os aspetos pessoais e não os conceptuais da realidade (Charmaz, 2006), a grandeza, a imediatez e a diversidade da própria existência viva. Fazer análise de uma palavra implica procurar todos os possíveis significados da mesma no enquadramento do corpus.

Fazer microanálise não consiste em aprender a ler dados objetivos e explícitos, mas em compreender porque é que alguém diz o que diz. A microanálise é uma técnica que possui um conjunto de qualidades. Ela estimula-nos a “*ouvir*” cuidadosamente o que os dados revelam, ou seja, a interpretação que os informantes fizeram dos factos; força-nos a pensar sobre os dados como se estivéssemos no campo onde eles foram recolhidos e faz apelo a todos os sentidos e experiências, conhecimento e intuição; exige que tenhamos intimidade e familiaridade com o documento em análise. Porque reconhecer o significado não passa apenas pelo conhecimento do texto e do ambiente onde ele foi criado, seja no tempo e/ou no espaço, mas por um nível de compreensão da experiência de vida de quem o escreveu. É esse nível de compreensão que permite ir mais além do que aquilo que as palavras isoladamente podem significar. O sentido das palavras ou das frases deve ser considerado, a cada novo segmento de texto. É preciso estar atento, apreensivo, desconfiado e ser metuculoso.

O processo de análise é exigente, mas, como qualquer outra técnica, está dependente da capacidade de quem a usa. É preciso que o investigador se liberte de ideias estereotipadas para não desvirtuar os próprios dados, sejam eles de que natureza for, e manter o rigor da análise. O investigador na sua relação com os dados deve fazer um esforço constante para se distanciar dos seus preconceitos, construídos a partir do senso comum ou do seu enquadramento conceptual, deve ter a abertura necessária para dar voz aos seus informantes

sob pena de distorcer os dados. A falta de abertura pode comprometer a identificação e descrição de elementos específicos da frase ou texto. E se assim acontecer os preconceitos impedem que se conheça a realidade tal como ela é. Deve estar disponível para ponderar o imponderável, o que não era expectável, deve ser criativo e usar as suas capacidades metacognitivas.

O processo pode ser sentido inicialmente como moroso e penoso, exigindo dos investigadores a aquisição de sensibilidade teórica. Esta pode ser conseguida com o desenvolvimento de exercícios de interpretação, aferidos por outro investigador e posteriormente por uma avaliação de um conjunto de peritos que podem ou não validar a interpretação. O que resulta numa mais-valia, porque evita erros de interpretação e ajuda a considerar explicações alternativas.

Este modo de análise é extremamente relevante nos momentos iniciais da investigação. Como ponto de partida para a conceptualização, dá início ao percurso que vai do mundo do concreto e da descrição para o mundo do abstrato e do teórico e.g., pode ir da observação das ações, dos eventos, dos incidentes, de todos os factos ou fenómenos que puderam ser diretamente ou indiretamente observáveis, para o mundo das ideias. Ele pode ser usado sempre que os dados pareçam confusos ou quando os dados antigos, uma vez revisitados, mostrem não ter sido suficientemente explorados.

Para que o investigador consiga descobrir o significado dos dados é preciso fazer uma leitura geral do texto para apreender o sentido do todo, com o objetivo de fazer despertar ideias, estimular a criatividade e a imaginação. Após a leitura e registo das primeiras impressões, o texto deve ser submetido à microanálise. E esta, num primeiro tempo cria segmentos nos dados, num segundo tempo interpreta e descreve o/s significado/s daquele segmento, conforme exemplo do quadro1. Se necessário pode ainda haver um outro nível de análise que sintetize a descrição anterior. O que acontece com alguma frequência porque dificilmente os dados são suficientemente compreendidos numa primeira fase da análise, sobretudo quando a sensibilidade teórica dos investigadores é limitada.

Quadro 1 - Exemplo da criação de unidades de significado através da microanálise

1º nível de análise	2º nível de análise	3º nível de análise	Questões colocadas aos dados
Segmentos dos dados reunidos	Unidades de significado	Unidades de significado	
Início de Outubro, Turno da tarde período 17-18,30 Unidade com tês	Proporciona silêncio. Adequa a luz ambiente à luz do dia e põe	Nº reduzido de doentes Cuidados com ambiente envolvente:	Estas intervenções acontecem porquê?

doentes. Ambiente silencioso iluminado pela luz natural e com música num volume reduzido.	música num volume de som muito reduzido.	<ul style="list-style-type: none"> - Luz - Som 	
Olhando do meio da sala a enfermeira pergunta à doente da cama C Está muito alta, a cabeça?	Olha transversalmente sobre os doentes. Decide parar o olhar e perguntar se a cabeça está muito alta	<ul style="list-style-type: none"> - Posição estratégica de observação do conjunto - Fixa-se numa pessoa em concreto e inquire - sobre posicionamento da cabeça - Olhar sobre a doente, faz juízo preceptivo e - devolve-o à doente 	O que a terá levado a inquirir? Presumirá algo com base no conhecimento da pessoa e sua situação ou com base em sinais observados?
A doente abana a cabeça afirmativamente.	A doente confirma a suspeita da enfermeira	- A doente valida a perceção	
A gente já arranja e pergunta se a doente se quer virar um bocadinho	Envolvimento da doente na ação que vai realizar	<ul style="list-style-type: none"> - Manifesta intenção de atuar de imediato - Usa plural majestático nessa manifestação - Responde à necessidade detetada e validada. - Inquire sobre posicionamento do corpo - Estratégia de envolvimento 	
A doente não quis mudar de posição e comentou e disse: "há bocadinho drenou muito!	A doente usou o tempo de maior proximidade e de execução de uma ação para expor a sua preocupação	<ul style="list-style-type: none"> - Doente não valida constatação da enf^a - Doente informa sobre quantidade de drenagem - A doente manifesta as preocupações que não foram questionadas pela enfermeira - enquanto esta desenvolve outras 	Será simultaneamente preocupação? E porque será?

		intervenções dirigidas a outros objetivos.	
e a enfermeira responde que tem que deitar tudo. Logo a seguir vai conversando com a doente sobre desejo da doente de um banho no WC	A enfermeira usou a proximidade e o tempo da execução da ação para refletir com a doente sobre a possibilidade do banho no WC	- Enfª devolve feedback à doente: - assegurando a adequabilidade da situação; - gerindo ansiedade latente - Estratégia da ação - Estratégia de envolvimento	
A enfermeira aproxima-se de outro doente que ocupa a outra cama e pergunta-lhe se quer levantar a cabeça um bocadinho?	Na sequência do olhar transversal decide parar o olhar e perguntar se quer levantar a cabeça um bocadinho.	- Fixa-se noutra pessoa e inquire sobre: * Posicionamento da cabeça - Olhar sobre o doente e questiona-o em função de algo...	
Sem esperar pela resposta eleva a cabeceira, controla o manómetro do oxigénio e pede ao doente para ir respirando fundo	Não espera pela resposta e decide intervir, eleva a cabeceira, regula o débito do oxigénio e ao mesmo tempo pede a colaboração do doente	- Responde à necessidade detetada (???) e não validada. - Desenvolve estratégia preventiva com prescrição de atividade ao doente - Estratégia de resolução com apoio do doente	

A operabilidade da técnica pode ser facilitada por um conjunto de ferramentas analíticas: a experiência, o conhecimento na área e a comparação dos dados entre as diferentes fontes, a que se junta o questionamento sistemático. Durante a (re) leitura intensa dos dados somos forçados a colocar questões: que cuidados prestam ao membro da família? Quando acontecem? Porque ocorrem? Quais as consequências? Que processos são mobilizados? Que conhecimentos têm e como os adquirem? O que está envolvido nesta situação? Quem está envolvido? Estas e outras questões estimularam o pensamento e tornaram-nos mais sensíveis na procura de novos dados.

A aplicação destas ferramentas ao corpus conduz à separação deste em unidades de significado que examinadas detalhadamente são agrupadas em códigos mais abstratos, designados de categorias. A integração de uma unidade de significação em mais do que uma categoria permite a preservação da complexidade do significado expresso pelos informantes. É exemplo o extrato "(...) ela vai à padaria comprar o pãozinho, (...) ela cuida da higiene dela (...) toma a medicação (...) cuida das flores do jardim, é independente (A pessoa em quimioterapia cuida de si) (...) toma a medicação, é independente e não gosta que ninguém interfira, mande nela (Autonomia/Não envolvimento de outro elemento)" que integra em simultâneo as subcategorias autonomia e autocuidado.

As questões que o investigador coloca a si próprio, obrigam-no a focalizar-se nos dados e a refletir no significado do que está escrito, remetendo-o constantemente para os objetivos e para a questão de investigação em causa. Elas são relevantes porque sensibilizam para os problemas e questões presentes nos dados, conduzindo a novas interpretações, novas formas de pensar sobre os dados. Elas são muito úteis para ajudar a descobrir o significado das palavras, das frases ou parágrafos e para libertar os investigadores dos preconceitos de dizer algo que não corresponde ao esperado, mas também para tornar inteligível a exposição dos resultados.

Numa fase inicial, a questão que se coloca é a de distinguir quais as ações que devem ser incluídas ou reconhecidas pela sua relevância. A questão de investigação e os objetivos devem estar sempre presentes, porque são eles que orientam a seleção dos segmentos a analisar no texto. Quanto mais sensível for o investigador à relevância teórica de certos conceitos, maior a facilidade que ele tem para reconhecer as dimensões desses conceitos nos dados.

Por vezes uma só palavra tem um significado muito relevante. Por exemplo, observámos que os enfermeiros quando descrevem as suas práticas de cuidado - ou mesmo quando lhes pedimos para explicarem uma determinada ação individual por eles realizada - usam com regularidade o pronome pessoal "nós" e questionámo-nos: mas porquê o uso sistemático do "nós" quando estão a escrever ou a falar sobre si próprios? Voltámos a observar os dados com detalhe porque eles é que são relevantes e percebemos que usam "nós" porque as suas decisões, apesar de serem levadas a cabo individualmente são resultado de informações oriundas de várias fontes. Usam "nós" quando realizam uma qualquer intervenção com o doente, usam "nós" quando criam espaços e tempos de cooperação, etc., e neste questionar fomos descobrindo as unidades de significado de uma nova categoria.

Numa outra situação, um dos enfermeiros perante algumas queixas de dor ligeira de um dos seus doentes responde-lhe "ainda bem que sente alguma dor, é sinal que está vivo". Numa primeira análise, a expressão revela ausência de qualquer empatia ou compreensão pelo

sentir do doente. Numa análise detalhada de um investigador desconfiado e apreensivo pudemos perceber uma explicação alternativa. O enfermeiro, há algum tempo tinha desenvolvido competências clínicas numa unidade de cuidados intensivos, onde os doentes podem ter um nível de sedação que lhes retira a dor, mas que se associa a um grau elevado de gravidade clínica e/ou indícios de uma morte próxima. A análise feita num primeiro momento, descontextualizada e na sequência da recolha, nem sempre nos remete para a verdadeira razão da ação que observámos. Foi preciso ler todo o texto da entrevista e depois voltar à frase para compreendermos que foi dita como estratégia de confronto com o processo de convalescença do doente.

As unidades de significado não são determinadas exclusivamente pela semântica da frase. O investigador precisa de compreender o discurso, mas também a intenção do autor no discurso. Por exemplo, um doente está internado por dificuldades respiratórias e numa fase pós-operatória diz a um dos enfermeiros: - “vou deixar de fumar” e o enfermeiro responde-lhe “Já ouvi muito boa gente dizer o mesmo”. O enfermeiro não contestou diretamente a afirmação, nem falou sobre o fumar ou malefícios do fumar, mas indiretamente revelou a sua intenção. A resposta foi dada com ironia e resultou da natureza da interação existente entre o doente e o enfermeiro, das características do contexto em que ocorreu e do conhecimento dos dados clínicos do doente.

O comentário de uma senhora em relação ao marido, em fase terminal por doença oncológica, “...às vezes também me trata mal, mas eu é como o outro, eu nem faço caso nem lhe digo nada...” numa primeira leitura remete-nos para cuidados inadequados da senhora para com o marido doente. Quando contextualizamos a frase, no texto completo da entrevista transcrita, compreendemos que a atitude é um mecanismo de defesa da esposa para lidar com a situação de término da doença do marido. Por outro lado, e tendo sempre presentes os objetivos da investigação, a atitude da esposa em não valorizar as queixas do doente não lhe dizendo nada, está relacionada com as estratégias que adotou, onde a desvalorização da agressividade do doente é um dos exemplos. No excerto de uma entrevista

“Ser familiar cuidador de alguém quando não se tem muitos conhecimentos, por vezes é melhor...porque não fazem comparações com as situações, é como se fossem leigos e isso por vezes é melhor...quando se sabe muito pode prejudicar”

remete para uma interpretação que nos faz pensar que ser ignorante, não ter conhecimentos, nem habilidades é preferível que ter competências para lidar com as dificuldades inerentes ao papel de familiar cuidador de pessoas com doença oncológica. No entanto, numa análise mais atenta e contextualizada, verificamos que o comentário está relacionado com as dificuldades que o profissional tem no acompanhamento dos familiares cuidadores dos doentes.

Quando interpretamos os dados num nível de microanálise, verificamos que a falta de tempo para dar as informações necessárias em contexto clínico é minorada, quando os familiares têm menos conhecimentos e experiência para lidar com a situação. Não têm tantas dúvidas porque ainda não se depararam com as dificuldades e por isso o enfermeiro não necessita de tanto tempo para esclarecimentos. Na análise inicial do seguinte extrato do registo de uma entrevista

“...ele tem as coisas ali, ele sabe ou abre o frigorífico, vai à casa de banho...senta-se no sofá, deixo-lhe a televisão acesa todo o dia para ele não ter que estar a acender porque é complicado para ele...se quiser ir para a cama vai, mas ele tem que se habituar a estar sozinho durante aquele espaço de tempo e tem que se habituar a levantar e ser autónomo para ir à casa de banho...”

interpretou-se como a necessidade do familiar cuidador procurar promover o autocuidado do doente, fornecendo-lhe os instrumentos necessários para que, na sua ausência, conseguisse assegurar, com o máximo de independência, algumas das necessidades mais prementes. No entanto, após leitura mais cuidadosa dos dados foi possível verificar que a atitude do familiar cuidador não passava de uma estratégia de gestão de esforço individual. O cuidador foi obrigado a avaliar o que o doente pode fazer porque ele enquanto tal já não podia dar conta de tudo...era uma situação de cuidados que durava há cerca de 2 anos e o desgaste físico e emocional do cuidador era já considerável, o familiar estava claramente numa situação de dificuldade de gestão da situação.

Num outro nível de análise também podemos constatar a habilidade do cuidador para avaliar as capacidades do doente para que durante um determinado período do dia este permaneça sozinho em casa. Noutro exemplo, que passamos a demonstrar, começámos por fazer a interpretação que o familiar cuidador utiliza estratégias justificativas da assunção do papel de familiar cuidador em prol dos restantes elementos do agregado familiar

“... Quando está com a minha irmã, a medicação se calhar já não é tomada nos timings certos e quando está comigo já sabe pronto é assim tem que ser às seis da manhã e é às seis da manhã...sei que acabo por ser um bocadinho a má da fita mas ela (a mãe) acaba por perceber que realmente está melhor comigo, não é que as outras pessoas não a tratem tão bem quanto eu, não coloco isso em causa...”

No entanto, após leituras do excerto, contextualizado no registo mais alargado dos dados, podemos constatar que as estratégias utilizadas têm outras finalidades. Por um lado, procuram ir ao encontro das necessidades de cuidados da doente e por outro da necessidade da própria cuidadora se sentir eficaz naquilo que está a fazer e as estratégias que implementa não são só para a doente, mas também para ela enquanto responsável pelos cuidados que presta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os autores deste artigo partilharam da sua experiência da Grounded Theory, nomeadamente no que concerne à análise de dados de uma investigação através da utilização da microanálise dando, no seu conjunto, uma ideia que consideram caracterizadora.

Como instrumento de análise a microanálise ajuda a discernir sobre a substância dos dados. Ajuda a compreender ideia a ideia à medida que elas vão surgindo no âmbito de um discurso ou de uma narrativa e permite compreender com profundidade a informação semântica ou o significado do que é transmitido. Fazer microanálise não se trata de aprender a ler dados objetivos e explícitos, mas de compreender porque é que alguém diz o que diz. Pode ser no início sentida como um processo moroso e penoso. Porque a formação dos conceitos representa um processo de conhecimento no confronto com a dúvida até alcançar a sensibilidade teórica.

Este tipo de análise apresenta-se como um grande desafio, permitindo o aprofundamento e compreensão dos significados expressos no texto. Não é um processo estruturado nem rígido, mas o recurso a esta técnica fideliza os dados às suas fontes, conferindo fidedignidade a um processo de investigação ou de teorização de natureza substantiva. Os exercícios de interpretação que foram feitos, aferidos pelo orientador da pesquisa e posteriormente por um conjunto de peritos para validar ou não a interpretação que tínhamos feito dos dados, resultaram numa mais-valia pois não nos deixou cair em conclusões teóricas precipitadas ou considerar explicações alternativas.

Consideramos que este instrumento de análise de dados poderá trazer contributos à investigação dos fenómenos em estudo relacionados com a condição humana inerentes ao saber da disciplina de Enfermagem.

Referências Bibliográficas

Benjumea, C. (2015, jul/set). La calidad de la investigación cualitativa: de evaluarla a lograrla. Texto Contexto Enferm, 24(3):883-90. Available from: http://www.scielo.br/pdf/tce/v24n3/es_0104-0707-tce-24-03-00883.pdf

Charmaz, K. (2006). *Constructing Grounded Theory: A Practical guide through qualitative analysis*. London. Sage Publications.

Charmaz, K. (2009). *A construção da Grounded Theory: guia prático para análise qualitativa*. Porto Alegre Artmed;

Charmaz, K. (2009). Shifting the grounds: Grounded theory in the 21st century. In: Morse M. (2009). . *Developing grounded theory: The second generation* . Walnut Creek, CA: Left Coast Press

Creswell, J. (2014). *Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. 3ª ed. Penso Editora ISBN 8565848892

De Ketele, & Roegiers X. (1999) *Metodologia da recolha de dados-Fundamentos dos métodos de observações, de questionários, de entrevistas e de estudo de documentos*. Lisboa. Instituto Piaget.

Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman.

Glaser, B. (1992). *Emergence vs Forcing: Basics of Grounded Theory Analysis*. Sociology Press, Mill Valley, California.

Lopes, M. (2003) "A metodologia da Grounded Theory. Um contributo para a conceptualização na enfermagem", *Revista de Investigação em Enfermagem*, 8: 63 - 74.

Lopes.M.(2006) *A relação enfermeiro- doente como intervenção terapêutica: proposta de uma teoria de médio alcance*. Coimbra: Formasau.

Martins. (2004) *Metodologia qualitativa de pesquisa*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago.

Mills, A., & Francis, K. (2006, March). *The Development of Constructivist Grounded Theory*. *International Journal of Qualitative Methods*.

Saldaña, J. (2009) *The Coding Manual for Qualitative Researchers*. Londres: SAGE Publications Ltd,

Strauss, A., & Corbin, J. (1990). *Basics of Qualitative Research: Grounded theory procedures and techniques*. Newbury Park: Sage.

Strauss A, Corbin J. (2008). *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de Grounded Theory*. 2ª ed. Porto Alegre Artmed.